



OS ESTIGMAS ASSOCIADOS À HANSENÍASE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Ana Livia Oliveira, Clara Beatriz Santos Coimbra Figueiredo, Joyce de Souza Miranda, Juliana Melo Fernandes, Jessica Viana Gusmão, Tarcísio Viana Cardoso



Medicina, Guanambi-Ba - Campus São Sebastião, tarcisio.cardoso@animaeducacao.com.br

Introdução

Historicamente, a “lepra” foi associada à impureza e punição divina, resultando em isolamento e exclusão social. Mesmo com os avanços terapêuticos, o estigma persiste. A substituição do termo por “Doença de Hansen” visa romper esse passado discriminatório e promover um cuidado mais ético (BORENSTEIN, 2008). A enfermidade acomete pele e nervos periféricos, causando perda de sensibilidade e lesões cutâneas bem delimitadas, de coloração variável (BRASIL, 2022). O estigma ainda é um grande obstáculo, gerando sofrimento emocional e social, e dificultando diagnóstico, tratamento e apoio comunitário (CAMALIONTE et al., 2022; OMS, 2005). Assim, reforça-se a necessidade de um cuidado humanizado, com políticas públicas eficazes e compromisso coletivo para combater o preconceito e garantir equidade no atendimento.

Objetivos

Analisar as evidências científicas sobre os estigmas associados à hanseníase no Brasil contemporâneo e suas repercussões no diagnóstico, tratamento e qualidade de vida.

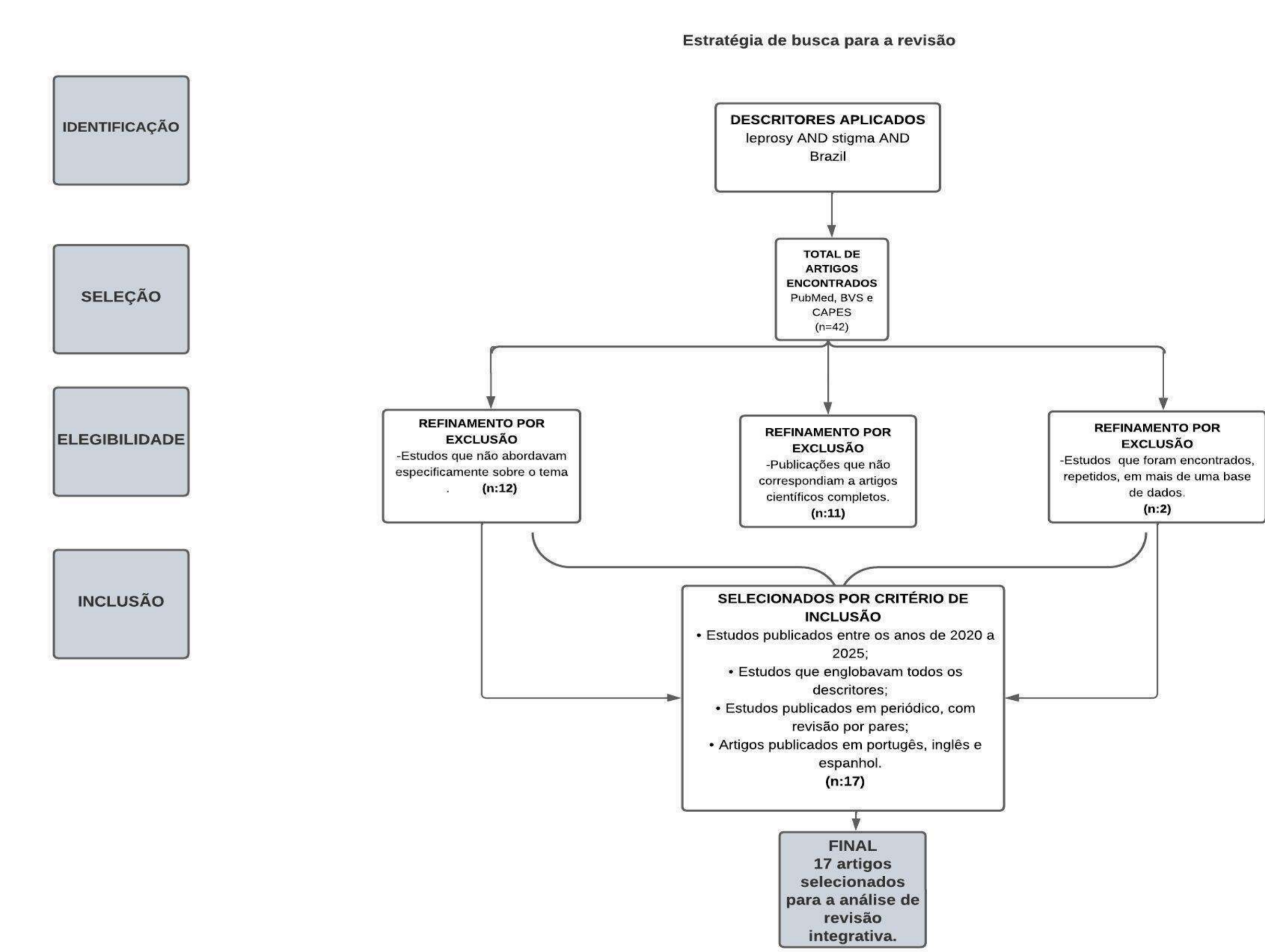
Metodologia

Este trabalho consiste em uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo é analisar os estigmas associados à hanseníase no contexto do Brasil contemporâneo. Para a condução da revisão, seguiu-se o protocolo de seis etapas proposto por Souza e colaboradores (SOUZA et al., 2024). A estratégia de busca foi aplicada nas bases de dados CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, utilizando descritores relacionados ao tema, em português, inglês e espanhol. Os termos de busca incluíram combinações como: "hanseníase", "estigma" e "Brasil". Considerando a contemporaneidade, tais estudos, obrigatoriamente, deveriam ser publicados em periódicos revisados por pares nos anos de 2020 a 2025, em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, bem como abordassem diretamente aspectos relacionados ao estigma da hanseníase. Dos artigos encontrados, excluiu-se estudos que não abordaram diretamente a temática e que não eram artigos originais.

Resultados

Foram identificados 44 artigos e, após critérios de elegibilidade, selecionados 22, todos publicados entre 2020 e 2025 em periódicos revisados por pares. Excluíram-se estudos não originais ou que não tratavam diretamente do estigma relacionado à hanseníase.

Resultados continuação



Conclusões

A hanseníase continua marcada por forte estigma social, o que dificulta o diagnóstico precoce, o tratamento e a reintegração dos pacientes, mesmo com os avanços médicos e políticas públicas existentes. O problema vai além do campo da saúde, exigindo uma resposta multidisciplinar que inclua educação, combate à desinformação e promoção dos direitos humanos. Para enfrentar a doença de forma efetiva, é necessário fortalecer políticas públicas integradas e baseadas em evidências, com foco na equidade, informação e qualificação profissional, de modo a eliminar preconceitos e melhorar o cuidado integral às pessoas afetadas.

Bibliografia

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da hanseníase [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Declaração universal sobre bioética e direitos humanos [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- SOUZA, G. C. et al. Experiences of social stigma of people living with Hansen's disease in Brazil: silencing, secrets and exclusion. International Health, v. 16, supl. 1, p. i60–i67, 2024.
- LEVANTEZI, M. et al. Hanseníase: estigma e exclusão social. Revista Bioética, v. 28, n. 1, p. 162–169, jan./mar. 2020. doi: 10.1590/1983-80422020281362.

Agradecimentos

Os autores desse trabalho agradecem o apoio institucional e o fomento que viabilizaram esta pesquisa, com destaque para a UniFG Guanambi pelo suporte infraestrutural; ao Programa Pró-Ciência, pelo indispensável apoio educacional; e ao nosso orientador, Tarcísio Viana Cardoso, pela excelente orientação técnica e incentivo ao longo do desenvolvimento deste trabalho, cujos resultados contribuem para o enfrentamento do estigma associado à hanseníase no país.